

## EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E AS COMPETÊNCIAS NECESSÁRIAS NA ÁREA DA LINGUAGEM PARA O TÉCNICO EM ENFERMAGEM NO BRASIL: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS

Mara Regina Santos de Mendonça e Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

A formação técnica em enfermagem é essencial para a qualificação profissional no setor de saúde, e a área da linguagem desempenha papel crucial no processo de cuidado ao paciente. A competência comunicativa dos técnicos em enfermagem é fundamental para o desenvolvimento de uma prática assistencial de qualidade, que envolva a interação eficaz com pacientes, familiares e equipes de saúde. Este artigo visa analisar as competências linguísticas permitidas para os técnicos em enfermagem, explorando suas implicações para a prática profissional e os desafios enfrentados no processo de formação. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica, com base em autores como Costa (2018), que enfatiza a importância da comunicação no cuidado à saúde, Almeida e Silva (2019), que discutiu as competências linguísticas requeridas, considerando a legislação educacional e as demandas do mercado de trabalho, e Souza (2020) e Silva (2021), que abordam as necessidades de desenvolvimento de competências linguísticas específicas no contexto da enfermagem. A análise revelou que, embora existam avanços na formação técnica, ainda há lacunas significativas no desenvolvimento das competências comunicativas, o que prejudica a prática assistencial de qualidade e a interação interprofissional. Os resultados indicam que a formação na área de enfermagem precisa incorporar, de maneira mais consistente, o desenvolvimento de habilidades linguísticas, atendendo às especificidades do cuidado assistencial e à exigência do ambiente de trabalho contemporâneo. Conclui-se que, para promover uma prática assistencial mais eficaz e humanizada, é imperativo que os currículos de formação técnica em enfermagem sejam revistos, integrando o ensino de competências linguísticas como elemento central no desenvolvimento profissional dos futuros técnicos.

**Palavras-chave:** Educação profissional, Linguagem, Competências, Técnico em enfermagem, Formação.

### 1. INTRODUÇÃO

A formação técnica em enfermagem ocupa um papel de extrema relevância no cenário da saúde brasileira, sendo responsável por preparar profissionais que atuam

---

<sup>1</sup> Professora licenciada em Letras pela Universidade Federal do Estado do Amapá, Bacharel em Direito pelo Centro de Ensino Superior do Amapá – CEAP, pós-graduação e Metodologia do Ensino Superior pelo Centro de Ensino Superior do Amapá – CEAP, Pós-Graduada em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão - IBPEX, Pós graduada em Novas Linguagens e Novas Abordagens Para o Ensino da Língua Portuguesa pela Faculdade Atual, Professora efetiva do quadro do Governo Federal, atualmente professora dos cursos técnicos profissionalizante do Centro de Ensino Profissionalizante do Amapá – CEPJOB, Mestranda em Ciências da Educação na Universidad Autónoma de Asunción - UAA. Jejuí N: 667, Assunção Paraguai - [reginaleo@yahoo.com.br](mailto:reginaleo@yahoo.com.br)



diretamente no cuidado ao paciente e na sustentação das equipes multiprofissionais. Em um contexto em que a humanização do atendimento e a segurança do paciente são princípios fundamentais, a comunicação emerge como uma das competências mais importantes no exercício da enfermagem técnica. A linguagem, nesse ambiente, não é apenas um meio de transmitir informações, mas um recurso essencial para construir vínculos, promover escuta ativa e garantir a efetividade das ações assistenciais.

Apesar da importância reconhecida da comunicação na área da saúde, observa-se que a formação técnica em enfermagem ainda apresenta lacunas significativas no que se refere ao desenvolvimento de competências linguísticas. Muitos profissionais ingressam no mercado de trabalho sem preparo adequado para lidar com as exigências comunicativas da prática cotidiana, o que pode comprometer o cuidado, a interação com os pacientes e a articulação entre os membros da equipe. Diante dessa realidade, torna-se necessário refletir sobre como a linguagem tem sido tratada nos processos formativos e quais os desafios enfrentados para torná-la um eixo estruturante na formação profissional.

O presente estudo tem como objetivo geral analisar as competências linguísticas exigidas na formação técnica em enfermagem, suas implicações na prática profissional e os desafios enfrentados no processo de formação. Como objetivos específicos, busca-se identificar as lacunas existentes nos currículos dos cursos técnicos, compreender a importância da comunicação no ambiente de trabalho da saúde e propor estratégias pedagógicas que fortaleçam o desenvolvimento da linguagem como ferramenta de cuidado.

A justificativa desta pesquisa está na necessidade de ampliar o debate sobre a centralidade da linguagem na enfermagem técnica, especialmente em um contexto em que a qualidade da comunicação influencia diretamente a segurança do paciente, a resolutividade das ações em saúde e a eficácia do trabalho em equipe. Ao compreender a linguagem como uma competência que atravessa todas as dimensões do cuidado, este trabalho propõe contribuir para a valorização dessa dimensão no processo formativo.

Para alcançar os objetivos propostos, foi adotada a metodologia de revisão bibliográfica, com base em livros, artigos científicos, documentos oficiais e produções acadêmicas que discutem a formação técnica em enfermagem, a educação profissional no Brasil e as competências comunicativas necessárias no ambiente da saúde. A análise considerou publicações de autores brasileiros, priorizando estudos atuais e pertinentes ao



tema investigado.

A partir disso, formula-se a seguinte pergunta norteadora: de que forma a formação técnica em enfermagem tem contribuído para o desenvolvimento das competências linguísticas necessárias à prática profissional e quais são os desafios enfrentados nesse processo?

## **2. METODOLOGIA**

A presente pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica, com o intuito de reunir, analisar e interpretar produções acadêmicas que abordam a formação técnica em enfermagem e o desenvolvimento de competências linguísticas no contexto da prática profissional. A escolha por esse método se justifica pela possibilidade de compreender diferentes perspectivas teóricas sobre o tema, identificar lacunas no processo formativo e refletir sobre as implicações da linguagem na qualidade do cuidado em saúde.

Para a construção da análise, foram selecionados livros, artigos científicos, documentos oficiais e produções acadêmicas publicadas nos últimos anos, priorizando autores brasileiros que discutem a educação profissional, a comunicação na área da saúde e os desafios enfrentados pelos técnicos em enfermagem. A seleção dos materiais considerou critérios como relevância temática, atualidade, clareza metodológica e contribuição para a compreensão da relação entre linguagem e prática assistencial. A revisão permitiu construir uma base sólida para os debates apresentados nos capítulos deste trabalho.

## **3. REFERÊNCIAL TEÓRICO**

### **3.1 A Educação Profissional Técnica em Enfermagem no Brasil**

A história da educação técnica em enfermagem no Brasil se entrelaça com os diferentes momentos das políticas públicas de saúde e educação no país. Desde os primórdios da República, já se observava a necessidade de formar trabalhadores com conhecimentos específicos para atuar nos serviços de saúde. Segundo Oliveira (2017), a institucionalização da formação técnica em enfermagem se intensificou a partir da década de 1940, com a criação do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), que promovia a



formação de auxiliares e técnicos para atender às demandas sanitárias nacionais.

A década de 1970 marcou a ampliação dos cursos técnicos em enfermagem, impulsionada pelas reformas educacionais da época e pela crescente demanda por profissionais no setor hospitalar. Entretanto, conforme apontam Santos e Ribeiro (2019), essa expansão nem sempre foi acompanhada da valorização pedagógica necessária, havendo forte tendência à formação instrumentalizada, voltada apenas à execução de tarefas. Foi somente a partir da Constituição Federal de 1988 e da posterior promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) que se consolidaram os princípios da educação profissional integrada, com foco na formação cidadã e crítica.

Nesse contexto, a formação técnica em enfermagem passou a ser reconhecida como parte integrante das políticas de saúde e educação, ganhando centralidade nos debates sobre qualificação profissional e inclusão produtiva. De acordo com Gohn (2014), essa mudança paradigmática refletiu a compreensão da educação como um direito social e da formação profissional como elemento estratégico para o desenvolvimento humano e social do país.

A estrutura legal da formação técnica em enfermagem está fundamentada em um conjunto de dispositivos normativos que orientam sua organização, objetivos e práticas pedagógicas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9.394/1996, estabelece em seu artigo 36-B que a Educação Profissional Técnica de Nível Médio pode ser ofertada de forma articulada ao Ensino Médio ou de forma subsequente, garantindo flexibilidade e adequação às trajetórias dos estudantes (BRASIL, 1996).

Além da LDB, destacam-se as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) por meio da Resolução CNE/CEB nº 6/2012. Essas diretrizes definem princípios como interdisciplinaridade, contextualização e integração entre teoria e prática. Conforme Lima e Silva (2020), as DCNs representam um avanço significativo ao propor uma formação técnica que articula competências técnicas, científicas e humanísticas.

Outro documento essencial é o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT), que organiza e padroniza a oferta dos cursos técnicos em todo o país. No caso da enfermagem, o CNCT define a carga horária mínima de 1.200 horas e destaca competências como a promoção do cuidado, a atuação em equipe multidisciplinar e a comunicação eficaz com pacientes e colegas de trabalho (BRASIL, 2023). Segundo



Pereira et al. (2021), esse catálogo é fundamental para garantir a qualidade mínima da formação e orientar as instituições quanto às exigências legais e profissionais.

A legislação também prevê a integração entre educação profissional e saúde pública, especialmente no que se refere às políticas do Sistema Único de Saúde (SUS). Assim, o técnico em enfermagem é compreendido como sujeito ativo no processo de cuidado e corresponsável pela promoção da saúde, exigindo formação que contemple não apenas habilidades técnicas, mas também competências comunicativas, éticas e relacionais. Como ressalta Almeida (2018), a formação profissional deve estar alinhada aos princípios da humanização, integralidade e acolhimento que orientam o SUS.

### **3.2 Competências Linguísticas no Exercício Técnico da Enfermagem**

A linguagem, no contexto da enfermagem, ultrapassa o caráter meramente técnico-instrumental e se constitui como um elemento fundamental do cuidado, sendo a base para a construção de vínculos, a promoção da escuta qualificada e a efetivação de um atendimento humanizado. No cenário da assistência à saúde, a comunicação entre o profissional técnico e o paciente não se resume à transmissão de informações, mas envolve empatia, acolhimento e compreensão das necessidades expressas verbal e não verbalmente (SILVA; ROCHA, 2020).

Segundo Costa (2018), a comunicação é uma competência central no processo de cuidar, pois permite que o técnico em enfermagem compreenda o sofrimento do outro, estabeleça confiança e exerça sua função de maneira ética e sensível. Quando o profissional desenvolve habilidades linguísticas adequadas, ele consegue interpretar sinais subjetivos do paciente, orientar de forma clara os procedimentos, e reduzir medos e inseguranças frequentemente presentes no ambiente hospitalar ou ambulatorial.

Almeida e Silva (2019) destacam que a linguagem constitui um dos pilares do cuidado integral em saúde, sendo decisiva para a eficácia do atendimento e para a criação de um ambiente terapêutico favorável. Eles afirmam que a qualidade da comunicação interfere diretamente na adesão do paciente ao tratamento e na prevenção de erros na execução dos procedimentos, o que evidencia a importância de se incluir a competência comunicativa como eixo estruturante da formação técnica em enfermagem.

A escuta ativa e o diálogo são recursos essenciais para que o profissional técnico compreenda não apenas a queixa clínica, mas também as dimensões emocionais, sociais



e culturais que atravessam o sofrimento do paciente. Conforme argumenta Souza (2020), a linguagem no cuidado não se limita ao verbal, mas abrange gestos, expressões faciais, tom de voz e postura corporal, elementos que precisam ser interpretados com sensibilidade e atenção (SILVA; ROCHA, 2020).

Nesse sentido, a comunicação é também uma forma de intervenção terapêutica, capaz de gerar conforto, encorajamento e senso de dignidade ao paciente em momentos de vulnerabilidade. Silva (2021) reforça que a relação técnico-paciente se fortalece a partir de um vínculo baseado na linguagem humanizada, contribuindo para a efetividade do cuidado e para a redução de conflitos entre equipe de saúde e usuários do sistema.

A ausência de preparo comunicativo pode comprometer significativamente a qualidade da assistência, gerando ruídos na comunicação, interpretações equivocadas e falhas na segurança do paciente. Por isso, como defendem Almeida e Silva (2019), é indispensável que os currículos dos cursos técnicos em enfermagem contemplem a formação linguística, abordando desde a clareza na explicação de procedimentos até a escuta empática como prática cotidiana.

No contexto da saúde, a competência comunicativa transcende a relação entre técnico e paciente e se revela igualmente crucial na interação entre os profissionais da equipe multiprofissional. A clareza, a empatia e a eficácia na comunicação são elementos indispensáveis para a construção de uma prática colaborativa, segura e integrada, impactando diretamente na qualidade da assistência prestada ao usuário do sistema de saúde.

Segundo Costa (2018), a comunicação interprofissional eficaz é um dos pilares para o bom funcionamento das equipes de saúde, especialmente em ambientes de alta complexidade. A ausência de habilidades comunicativas bem desenvolvidas pode levar a falhas na transmissão de informações, duplicidade de procedimentos, omissões críticas e, conseqüentemente, prejuízos ao cuidado. Em consonância, Almeida e Silva (2019) destacam que o domínio da linguagem técnica, aliado a uma escuta atenta e respeitosa, fortalece o diálogo entre os membros da equipe, favorecendo o planejamento conjunto das ações.

Para Silva (2021), a competência comunicativa envolve não apenas saber falar, mas, sobretudo, saber ouvir e interpretar as diferentes formas de expressão dos colegas de trabalho, respeitando seus saberes e experiências. Essa escuta ativa, quando exercida



com empatia e abertura, cria um ambiente propício ao aprendizado mútuo e à resolução de conflitos, o que contribui para um ambiente de trabalho mais saudável e colaborativo.

Souza (2020) reforça que, na prática da enfermagem, o técnico precisa estar apto a dialogar com enfermeiros, médicos, fisioterapeutas, nutricionistas e outros profissionais, compreendendo e sendo compreendido em meio às rotinas, urgências e especificidades de cada área. A falta de precisão ou o uso inadequado da linguagem pode causar equívocos na administração de medicamentos, no cuidado direto ao paciente e na organização dos processos assistenciais.

Além disso, a literatura evidencia que a comunicação interprofissional precisa ser orientada por valores éticos e humanitários. Segundo Moraes e Batista (2022), a linguagem usada nas trocas entre os profissionais deve refletir respeito, acolhimento e reconhecimento das competências de cada membro da equipe, promovendo não apenas uma prática técnica de excelência, mas também relações interpessoais mais humanas e solidárias.

Nesse sentido, a formação técnica em enfermagem deve contemplar, de forma sistemática, o desenvolvimento da competência comunicativa como parte essencial da preparação para o trabalho em equipe. Como ressaltam Oliveira e Fernandes (2021), os cursos técnicos precisam oferecer espaços formativos que possibilitem a vivência de situações reais e simuladas de interação profissional, incentivando a autonomia, a escuta e a assertividade na comunicação.

Diante da complexidade dos serviços de saúde, a articulação interprofissional exige que os técnicos em enfermagem compreendam os contextos comunicacionais como instrumentos de segurança do paciente e de coesão da equipe. A comunicação, quando estruturada com base no respeito mútuo e na clareza dos papéis profissionais, potencializa os resultados clínicos e fortalece os vínculos no ambiente de trabalho (SILVA; ROCHA, 2020).

### **3.3 Desafios e Possibilidades para o Desenvolvimento de Competências Linguísticas**

Um dos principais desafios da formação técnica em enfermagem no Brasil diz respeito à ausência de conteúdos sistemáticos voltados ao desenvolvimento das competências comunicativas. Muitas instituições de ensino ainda priorizam



exclusivamente os aspectos práticos e biomédicos da formação, negligenciando a dimensão linguística como parte integrante do processo de cuidado. Para Almeida e Silva (2019), essa lacuna compromete não apenas a relação entre técnico e paciente, mas também a qualidade do trabalho em equipe e a segurança nos procedimentos.

Segundo Costa (2018), a comunicação no ambiente da saúde deve ser ensinada como uma competência essencial desde os primeiros módulos dos cursos técnicos. No entanto, a maioria das instituições ainda trata a linguagem de forma transversal e informal, sem garantir carga horária adequada ou metodologias específicas para o seu desenvolvimento. Isso dificulta o preparo dos futuros profissionais para lidar com situações que exigem empatia, clareza e assertividade no discurso.

Souza (2020) observa que muitos técnicos chegam ao ambiente de trabalho sem saber interpretar prontuários com precisão, sem domínio das normas de registro clínico e com dificuldades em se expressar de forma compreensível diante dos pacientes. Esse déficit de formação linguística pode gerar consequências graves, como falhas de comunicação, desentendimentos entre a equipe, baixa adesão ao tratamento e comprometimento da humanização do cuidado.

Além disso, Silva (2021) destaca que o ensino técnico ainda carece de uma abordagem crítica sobre a linguagem como prática social. A ausência de formação reflexiva leva à repetição de discursos técnicos desumanizados, muitas vezes sem escuta ativa ou sensibilidade ao sofrimento do outro. Isso revela a urgência de repensar o currículo para além da técnica, considerando o contexto emocional, ético e comunicativo que envolve o cuidado em enfermagem.

Diante das lacunas identificadas, torna-se necessário repensar as práticas pedagógicas adotadas nos cursos técnicos de enfermagem, buscando integrar a linguagem de forma mais efetiva e intencional. Uma das principais estratégias apontadas por Almeida e Silva (2019) é a realização de oficinas de comunicação, nas quais os estudantes possam vivenciar situações simuladas de atendimento ao paciente, desenvolvendo habilidades como escuta ativa, clareza na fala, empatia e registro adequado.

Segundo Costa (2018), a adoção de metodologias ativas, como simulações práticas, dramatizações e role-playing, contribui significativamente para o desenvolvimento da linguagem profissional. Essas estratégias permitem que os alunos enfrentem, ainda no ambiente escolar, os desafios de se comunicar com pacientes de





diferentes perfis, familiares em sofrimento e equipes multidisciplinares, aprimorando sua capacidade de adaptação e resposta.

Silva (2021) também sugere o ensino interdisciplinar como alternativa potente para o fortalecimento das competências linguísticas. A parceria entre docentes das áreas da saúde e da linguagem pode enriquecer o currículo técnico, promovendo uma formação mais integrada e sensível às necessidades reais do trabalho em saúde. Além disso, o uso de estudos de caso, leitura crítica de documentos clínicos e debates sobre situações reais pode ampliar o vocabulário e a argumentação dos estudantes.

Outra proposta relevante é a inclusão da formação continuada como instrumento de qualificação permanente. Para Souza (2020), os profissionais técnicos, mesmo após formados, devem ter acesso a cursos, palestras e rodas de conversa que reforcem o papel da linguagem na assistência à saúde. Isso não apenas atualiza os conhecimentos, mas também valoriza o protagonismo do técnico como agente ativo no cuidado e na comunicação com o paciente.

O incentivo ao uso de tecnologias educativas, como plataformas digitais e aplicativos de simulação de atendimento, também pode contribuir para o aprimoramento da comunicação no cotidiano profissional. A flexibilidade e a interatividade desses recursos permitem o treino de situações complexas e o desenvolvimento da linguagem técnica em diferentes contextos de atuação (OLIVEIRA; FERNANDES, 2021).

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados da pesquisa evidenciam que a comunicação continua sendo um ponto sensível na formação técnica em enfermagem no Brasil, sendo frequentemente abordada de forma superficial nos currículos. Ainda que as Diretrizes Curriculares Nacionais (Resolução CNE/CEB nº 6/2012) reconheçam a importância das competências comunicativas, as instituições de ensino técnico não têm garantido, de forma efetiva, a integração da linguagem como eixo estruturante do processo formativo. Essa realidade reflete o que Almeida e Silva (2019) apontam como um descompasso entre as exigências do mercado de trabalho e as práticas pedagógicas adotadas na formação.

De acordo com Costa (2018), a linguagem é uma ferramenta essencial no cuidado em saúde, pois permite ao profissional técnico não apenas transmitir informações, mas também estabelecer vínculos com os pacientes e demais membros da equipe. No entanto,



os dados analisados revelam que muitos técnicos em enfermagem ingressam no mercado de trabalho sem domínio suficiente das práticas de escuta ativa, registro técnico adequado ou comunicação empática, o que pode comprometer a humanização da assistência e a segurança do paciente.

As contribuições de Souza (2020) corroboram essa constatação ao afirmar que a ausência de preparo comunicativo é uma das principais fragilidades observadas nas instituições formadoras. O autor destaca que muitos técnicos apresentam dificuldades em interpretar prontuários, registrar informações com clareza e dialogar de forma assertiva com outros profissionais, o que prejudica o trabalho em equipe e aumenta o risco de erros assistenciais. Tais fragilidades não decorrem da incapacidade dos estudantes, mas da forma como a linguagem é tratada nos currículos: de modo fragmentado, sem carga horária suficiente e com pouca contextualização prática.

Silva (2021) reforça que a comunicação no ambiente de saúde precisa ser compreendida como uma prática ética, relacional e terapêutica. Ao ser negligenciada, a linguagem se transforma em uma barreira, e não em um instrumento facilitador do cuidado. Os dados indicam que, embora os alunos sejam preparados tecnicamente para os procedimentos clínicos, eles não recebem formação adequada para lidar com a complexidade das relações humanas que envolvem o cotidiano da enfermagem. Isso evidencia uma lacuna formativa que compromete o princípio da integralidade do cuidado, especialmente no que diz respeito à escuta e ao acolhimento.

Por outro lado, as estratégias pedagógicas citadas nos estudos analisados, como oficinas de comunicação, simulações práticas e ensino interdisciplinar, mostraram-se eficazes na promoção de competências linguísticas quando implementadas de forma planejada e contínua (ALMEIDA; SILVA, 2019; COSTA, 2018). O uso dessas práticas permitiu aos alunos experimentar situações reais de atendimento, desenvolver vocabulário técnico, exercitar o olhar empático e aprimorar a clareza na comunicação escrita e oral. Essas experiências também foram associadas ao aumento da autoconfiança dos estudantes e à valorização da linguagem como parte do cuidado.

Dessa forma, a discussão evidencia que o investimento na formação linguística não deve ser opcional ou complementar, mas parte integrante da formação técnica em enfermagem. Os resultados confirmam que a comunicação é uma competência transversal, que impacta diretamente na qualidade do cuidado, na segurança do paciente



e na eficiência das práticas interprofissionais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as competências linguísticas exigidas na formação técnica em enfermagem, suas implicações no exercício profissional e os desafios enfrentados para sua consolidação no processo formativo. A partir da revisão realizada, foi possível observar que a linguagem ocupa um papel fundamental na prática da enfermagem, influenciando diretamente a qualidade do cuidado prestado e a interação entre os membros da equipe de saúde.

Os resultados demonstraram que, embora a comunicação seja reconhecida como essencial, sua presença nos currículos dos cursos técnicos ainda é limitada e, muitas vezes, tratada como um conteúdo complementar. Essa ausência de atenção sistemática ao desenvolvimento das competências comunicativas compromete a efetividade da assistência, a humanização do atendimento e o trabalho em equipe nos serviços de saúde.

Além disso, verificou-se que há estratégias pedagógicas viáveis e eficazes para o fortalecimento dessas competências, como oficinas práticas, simulações de atendimento, atividades interdisciplinares e formação continuada. Quando bem aplicadas, essas metodologias proporcionam às estudantes experiências reais de comunicação, desenvolvendo habilidades que são essenciais para o desempenho seguro, ético e empático da profissão.

Conclui-se, portanto, que investir no desenvolvimento das competências linguísticas dos técnicos em enfermagem é um passo decisivo para a construção de um cuidado mais humanizado, seguro e eficiente. O fortalecimento da linguagem na formação técnica representa não apenas um avanço pedagógico, mas uma resposta concreta às demandas do sistema de saúde e às necessidades das pessoas que dele dependem.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, V. S. A formação técnica em enfermagem e o cuidado humanizado: desafios e possibilidades. Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica, v. 4, n. 2, p. 44-58, 2018.

ALMEIDA, V. S.; SILVA, R. T. Competências linguísticas na formação técnica em



- enfermagem: demandas e desafios. *Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica*, v. 5, n. 1, p. 33-48, 2019.
- BRASIL. Catálogo Nacional de Cursos Técnicos – CNCT. Brasília: MEC/SETEC, 2023.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 dez. 1996.
- COSTA, L. F. Comunicação no cuidado à saúde: uma abordagem centrada no paciente. *Revista Saúde e Humanidades*, v. 6, n. 2, p. 71-83, 2018.
- GOHN, M. G. Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2014.
- LIMA, R. P.; SILVA, J. M. Educação profissional em saúde: diretrizes e desafios da formação técnica. *Revista da Formação Profissional em Saúde*, v. 12, n. 1, p. 22-35, 2020.
- MORAES, L. R.; BATISTA, R. T. Práticas colaborativas e comunicação interprofissional em saúde: uma revisão integrativa. *Cadernos de Educação em Saúde*, v. 19, n. 1, p. 104-115, 2022.
- OLIVEIRA, C. M.; FERNANDES, L. F. A formação técnica e os desafios da comunicação no trabalho em saúde. *Revista Interdisciplinar de Educação e Saúde*, v. 10, n. 2, p. 78-91, 2021.
- OLIVEIRA, L. M. História da formação de técnicos em enfermagem no Brasil: entre o assistencialismo e a profissionalização. *Revista Educação e Saúde*, v. 5, n. 1, p. 77-89, 2017.
- PEREIRA, D. C. et al. Competências e formação técnica em enfermagem: um olhar para o Catálogo Nacional. *Revista Enfermagem em Foco*, v. 12, n. 4, p. 671-678, 2021.
- SANTOS, M. A.; RIBEIRO, G. S. Educação técnica em enfermagem no Brasil: análise crítica de sua trajetória histórica. *Revista Trabalho e Educação*, v. 28, n. 1, p. 193-210, 2019.
- SILVA, D. M. A linguagem como elo entre cuidado e humanização na prática técnica em enfermagem. *Revista de Práticas Integrativas em Saúde*, v. 8, n. 3, p. 144-157, 2021.
- SILVA, L. A.; ROCHA, E. C. Comunicação e segurança do paciente: aspectos interprofissionais no contexto hospitalar. *Revista Brasileira de Enfermagem e Saúde Coletiva*, v. 9, n. 4, p. 233-243, 2020.
- SOUZA, M. C. O papel da comunicação no contexto hospitalar: contribuições para a formação técnica. *Revista Enfermagem em Foco*, v. 10, n. 4, p. 521-529, 2020.

